

A EXCEPCIONALIDADE DA CAPITAL DO IMPÉRIO CENTRO DO MUNDO DURANTE O ALTO IMPÉRIO

THE EXCEPTIONALITY OF THE CAPITAL OF THE CENTRAL EMPIRE OF THE WORLD DURING THE HIGH EMPIRE

Marcelo de Mello Ribeiro¹

¹ Pesquisador do Centro de Ensino e Pesquisa do Exército (CEPHIMEx) e Membro Titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Doutorando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Correspondência para: Marcelo de Mello Ribeiro (melloright@gmail.com)

Recebido em: setembro de 2019; Aceito em: novembro de 2019

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo ressaltar a excepcionalidade da cidade de Roma durante o Alto Império. A capital dos romanos diferentemente de outras cidades era o polo de convergência de todo o mundo naquele momento, centro econômico, político e dos espetáculos, A expansão territorial foi um dos principais motivos para este crescimento de Roma, no qual podemos destacar o grande número de escravos utilizados como mão de obra em todos os setores desde o comércio, passando pelo artesanato e até mesmo nos combates de gladiadores.

Palavras chaves: *Cidade, Roma, Espetáculos; Portos.*

ABSTRACT

The aim of this article is to highlight the exceptional city of Rome during the High Empire. The capital of the Romans, unlike other cities, was the center of convergence of the world at that time, economic, political and in the area of spectacles. The territorial expansion was one of the main reasons for this growth of Rome, because the large number of slaves used as labor in all sectors from trade, artcraft and even gladiatorial combat.

Key words: *City, Rome, Spectacles; Ports.*

O objetivo deste artigo é sublinhar a importância de Roma durante o Alto império, destacando sua característica de cidade “centrípeta” e influenciadora do

*ethos*¹¹⁸ romano. O Império Romano originou-se, ao longo dos séculos, onde desenvolveu uma unidade político-cultural de grande heterogeneidade. O Império atingiu a sua maior extensão territorial sob o comando de Trajano¹¹⁹. Este Imperador, exímio estrategista, buscou romper com a política estabelecida por Otavio Augusto de controle do limite das fronteiras com o Império Romano. “Trajano decide terminar, na parte inferior do Danúbio, a consolidação de uma fronteira sólida. A pouco e pouco, viu-se obrigado a conquistar o reino até então independente dos Dácios, transformando-o numa província do Império.” (GRIMAL, 1984, p. 56).

Seu território foi conseguido por meio de conquistas militares e centralização política e uma população estimada entre 50 e 60 milhões de habitantes. (NICOLET, 1992, p.24). Contudo, vamos voltar nossos olhos para Roma, capital do império, pois esta cidade foi uma exceção frente às outras localidades romanas, tendo em vista as demais se constituírem em lugares, de maneira geral que possuíam pequenos centros administrativos, religiosos, um artesanato modesto e mercados locais. Servindo de ponto de apoio para mercadores que se dirigiam à capital do Império.

As negociações comerciais entre as regiões eram de pequena monta, devido à inabilidade das técnicas de transportes e à falta de diversificação de produtos, uma vez que, em grande parte do Mediterrâneo se executava o mesmo tipo de agricultura. Dentro desta perspectiva, sem grandes mercados consumidores os produtos que eram comercializados pelas caravanas e seus mercadores se restringiam a artigos de luxo.

Os maiores consumidores destes produtos luxuosos eram os grandes proprietários de terras, que utilizavam para consumo próprio ou a fim de serem

¹¹⁸ Caracteriza-se pelo conjunto de traços e modos de comportamento que moldam a identidade e ou o caráter da sociedade romana, que possuía como uma das principais características ser um povo guerreiro, que cultuava o corpo, a coragem, a violência e a guerra.

¹¹⁹ Marco Úlpio Nerva Trajano foi Imperador durante o Alto Império entre os anos de 98 a 117. Momento de maior expansão do território sob a tutela de Roma; caracterizou-se como um período de apogeu da cultura e do latim (língua oficial). O comércio alcançou níveis incomparáveis com qualquer outra época do Império Romano. O latinista italiano, Ettore Paratore, observou em sua obra “A História da Literatura Latina”, que este momento da história romana nos oferece, “uma antecipação fiel do ideal da cultura clássica e da latinidade, como formou o Humanismo” (PARATORE, 1983, p. 681).

empregados em benfeitorias públicas ou ações voltadas para o evergetismo¹²⁰ (CARDOSO, 2011, p. 20).

Esta classe dominante, a fim de perpetuar-se no poder e garantir seus privilégios, vindos desde a República, reforçou o sistema legal vigente. Tal estrutura privilegiava os mais afortunados e mantinha os escravos e outros tipos de mão de obra dependentes dos mesmos. Dentro deste sistema legal existiam as ordens (*ordines*) que se constituíam nas distinções sociais regularizadas pelo governo imperial, que estratificavam e estabeleciam direitos e deveres aos integrantes desta sociedade. (CARDOSO & ARAUJO, 2006, p 87)

As *ordines* eram divididas em senatorial, equestre e uma elite local composta pelos *decuriões*, mas que possuíam um status inferior às duas citadas anteriormente. Abaixo destas ordens encontravam-se os nascidos livres, não privilegiados, os libertos e os escravos. Estas mãos, respectivamente, é que efetivamente geravam a riqueza do Império Romano.

Nesta sociedade do Alto Império já se conhecia a mobilidade social. Sendo assim, aos herdeiros libertos ricos existia a chance de vir a ser um *decurião* e, progressivamente, ganhar status social até tornar-se membro da ordem senatorial ou até mesmo por meio do comércio.

No entanto, apesar de ser possível a mobilidade social, esta era difícil de ocorrer, pois existia um grande abismo entre a classe dominante e o restante da

¹²⁰ A palavra Evergetismo é um neologismo – ou melhor, um conceito – que devemos a André Boulanger e Henri – I. Marrou; ela foi forjada nos moldes da minuta dos decretos honoríficos helenísticos, através dos quais as cidades enalteciam aqueles que, por sua fortuna ou atividade pública “ajudavam a cidade”; em geral, uma beneficência era uma evergesia. Nenhuma palavra da Antiguidade corresponde perfeitamente ao evergetismo.[...](VEYNE, 2015,p. 14). Em alguns períodos as evergesias eram ofertadas por indivíduos notáveis, que não possuíam tal obrigação (o que é denominado evergetismo livre), em outros momentos estas eram oferecidas na antecedência de uma eleição, uma magistratura ou até mesmo uma “honra” pública. [...] em Roma havia uma herança republicana que incomodava a exclusividade imperial e que foi preciso suprimir ou limitar. Foi obra de Augusto; ele pôs fim às evergesias republicanas, dividiu com os magistrados o direito de oferecer espetáculos, resolveu para si o quase monopólio das construções públicas e embelezou Roma para que ela fosse digna de ser a capital de sua monarquia [...] (VEYNE, 2015, p. 708).

população. Todavia, com o passar dos anos, a cidadania romana¹²¹ foi sendo ampliada devido ao próprio crescimento territorial do Império. Vejamos o que Andrea Giardina nos fala sobre a identidade romana e como esta peraneceu inacabada, tornando-se diretamente relacionada à concessão de cidadania:

Emerge, na sociedade romana, uma série de contrastes harmônicos, contradições compostas em equilíbrio. A dupla abertura - afastamento, que rememorei para definir a identidade romana, também pode aparecer na forma de uma polaridade entre a dominação e dualidade, entre o sentido rígido e inflexível do *imperium* e a elasticidade. Este também é encontrado na família, onde a *potestas do pater familias*, era tão enorme e potencialmente assustadora, mas representou ao mesmo tempo um fator de osmose social e política, expressa no direito de libertar os escravos e, em seguida, criar o cidadão (Tradução livre)¹²².

Desta forma, novos grupos étnicos foram sendo incorporados ao Império Romano e paulatinamente foram absorvendo algumas características romanas, até mesmo o gosto pelos jogos de gladiadores. Este fenômeno ficou conhecido como transculturação¹²³.

¹²¹ A cidadania romana, mesmo que inconclusa, era o que aproximava os romanos e tornava possível criar o amálgama do Império. De acordo com Claude Nicolet, os Romanos, tanto durante a República como no Império, são cidadãos romanos. Humildes ou poderosos, governados por assembleias, por magistrados eleitos anualmente por senado, ou por um príncipe vitalício (ao lado do qual, aliás, continuam a existir as antigas instituições), nenhuma hesitação possível: cada romano é um cidadão, e todo aquele que possua ou adquira o “direito de cidadania”, a “cidadania” romana, é automaticamente romano. (NICOLET, 1992, p. 22).

¹²² Emerge, nella società romana, una serie di contrasti armonici, di contraddizioni composte in equilibrio. La coppia apertura/straniamento, che ho evocato per definire l'identità romana, può anche apparirci nella forma di una polarità tra dominio e duttilità, tra senso rigido e inflessibile dell'imperium ed elasticità. La ritroviamo anche nella famiglia, dove la potestas del pater familias, era sì smisurata e potenzialmente terrificata, ma rappresentava al tempo stesso fattore di osmosi sociale e politica, espresso dalla facoltà di liberar lo schiavo e di creare quindi il cittadino (GIARDINA, 1994, p. 87).

¹²³ O conceito transculturação foi apresentado pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz Fernández e está relacionado à transformação de padrões culturais locais, a partir da adoção de novas referências absorvidas por meio das fronteiras culturais estabelecida em encontros interculturais. Este processo de transferência cultural acontece, paulatinamente, por meio da troca de experiências e influências a partir do elemento externo. É natural que a transmissão pelo contato não abarque toda a cultura do outro grupo. Somente alguns traços são transmitidos e se incorporam à cultura receptora. Contudo, a troca

Esta divisão social supracitada teve um cunho didático, isto é, buscou clarificar a estrutura social romana do Alto Império e definir o papel social de cada uma dentro da sociedade, explicitando as classes que, efetivamente, eram mão de obra geradoras de riqueza e movimentavam a economia em Roma.

Contudo, nossa análise está voltada para a capital do Império Romano, berço da magnitude e da suntuosidade romana, para onde convergiam grande parte dos produtos. Esta afirmação ganha força quando Carcopino em sua obra “ *A vida quotidiana em Roma no apogeu do Império*” nos apresenta um poema de Petrônio que demonstra toda a grandeza do Império romano:

[...] “O mundo inteiro estava nas mãos dos Romanos vitoriosos. Possuíam o mar e as terras e o duplo campo das estrelas e não estavam saciados. As suas quilhas, que as cargas faziam pesadas, sulcavam as ondas. Se havia ao longe algum golfo escondido, algum continente ignorado que pretendesse exportar o ouro fulvo, era um inimigo, e os destinos preparavam-se para guerras mortíferas à conquista de novos tesouros. As alegrias vulgares já não tinham encanto nem os prazeres gastos nos regozijos da plebe. O simples soldado apalpava os bronzes de Corinto... Aqui os Númidas, lá os Seras teciam para o Romano panos novos, e para eles as tribos árabes tinham despojado as suas estepes.” [...] (PETRÔNIO, 116 apud CARCOPINO, 1959, p.216).

No entanto, ao citarmos as pequenas cidades que davam suporte à capital do Império temos que destacar a figura do mercador. Este homem voltado para os grandes deslocamentos terrestres ou marítimos era atraído à Roma, pois havia um grande mercado consumidor para seus produtos. A capital do Império além de acolher um grande contingente humano, fosse de homens livres ou escravos, possuía outros atrativos como grandes festas públicas, ritos religiosos e os próprios jogos gladiatoriais.

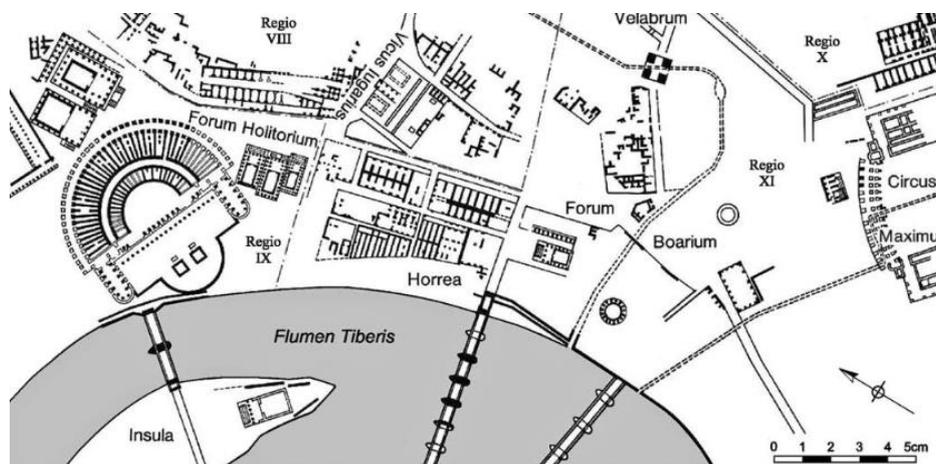
cultural é recíproca, isto é, a cultura receptora também interage com a doadora, introduzindo padrões, hábitos e costumes que até então lhe eram desconhecidos. (ORTIZ, 1991, p. 90)

importância fundamental para o comércio da principal cidade do Império Romano. No entanto, a topografia da capital não se prestava facilmente a instalação do porto. Este teria se estendido ao longo das duas margens do rio Tibre, de norte a sul.

As quatro áreas-chaves que ganharam destaque nos primórdios do Império - o *Campus Martius*, o *Portus Tiberinus*, o *Emporium* e o *Transtiberim* - deviam sua proeminência a seus papéis como pontos nodais, oferecendo acesso às principais vias de comunicação da cidade, notadamente o *Pons Aemilius*, a *Via Aurelia*, o *Velabrum*, a *Via Ostiensis* e a *Via Portuensis*.

O porto se desenvolveu como consequência das crescentes necessidades da cidade, sendo o eixo de comércio e redistribuição no coração de Roma desde o século VI a.C. (COARELLI, 1992: 113-27). Era uma região baixa, ou seja, 8.000 m² que abrangiam a área entre o corte do rio a oeste, o Teatro de *Marcellus* ao norte, o *Forum Holitorium* a leste e o *Forum Boarium* ao sul.

Materiais de construção e utensílios utilizados nos jogos gladiatórios provavelmente foram descarregados e armazenados nesta região. Tal afirmação, se ampara nas escavações arqueológicas, onde a descobertas de mármore foi bastante comum na área entre o Ripetta e os principais monumentos do Campo de Marte (MAISCHBERGER, 1997, p.178-9). Observemos o mapa abaixo, onde pode-se ver a localização do Porto Tiberius.



Mapa 2- Plano do Portus Tiberinus. (Coarelli 1998: fig. 412.)

Com o crescimento comercial da cidade de Roma a articulação do sistema portuário foi fundamental, pois o porto fluvial no Tibres foi apoiado pelos portos de Ostia e Portus. Ambos os portos se situavam numa paisagem marginal estuarina, perto da foz do Tibre.

*Ostia*¹²⁵ ficava situado na margem do rio, a uma curta distância do mar, sendo conectado a Roma por meio da *Via Ostiensis*. Esta via fazia deste porto elo de ligação de Roma com o mundo.

Já *Portus* ficava a 2 km ao norte de *Ostia*, era ligado a Roma pela **Via Campana / Portuensis**. Ambos os portos, portanto, desempenharam papéis complementares e fundamentais no fornecimento de material, condimentos e, até mesmo, animais exóticos a Roma e, indiretamente, aos jogos gladiatoriais.

Contudo, o desenvolvimento mais importante, foi o estabelecimento de um novo porto marítimo no *Portus* em 46.¹²⁶ Este complexo era constituído por uma enorme bacia artificial para salvaguarda, bem como uma bacia menor (*Darsena*)¹²⁷ e

¹²⁵ Cidade portuária do Império Romano localizada a 25 km a sudoeste de Roma.

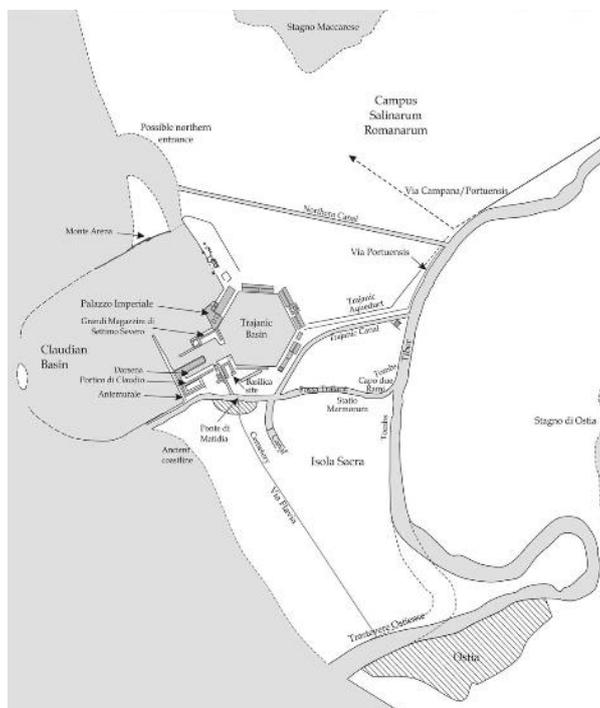
¹²⁶ O *molo repubblicano* perto do limite mais ao norte do meandro do curso antigo do Tibre (*fiume morto*) provavelmente marca a extensão mais ao norte disso: (Arnoldus-Huyzenveld e Paroli, 1995)

¹²⁷ A data da ampliação de Portus em Trajano não é clara. Meiggs (1973, p. 162) sugeriu uma data de 112 d.C. com base nas moedas comemorativas que representam a bacia hexagonal. No entanto, uma data entre 112 e 114 d.C foi confirmada pela reanálise recente dessas moedas (Woytek, 2010), o que sugere que elas foram emitidas durante o sexto consulado de Trajano, e não o quinto. Por outro lado, os

ISSN 1982-8713

armazéns. Dois canais ligavam o complexo ao Tibre e ao mar, permitindo uma transferência muito mais leve de cargas para Roma e, ao mesmo tempo, proporcionando alívio de enchentes ao vale do Tibre ao sul de Roma.

Este complexo foi ampliado substancialmente por Trajano com a adição de uma segunda base menor de forma hexagonal e mais armazéns. Isso teria permitido o acesso de navios maiores¹²⁸, aumentando o espaço de armazenamento e ancoragem, o que possibilitou um transbordo ainda mais eficiente de cargas.



Mapa 3- Plano de Ostia e Portus (Projeto Portus)

carimbo de tijolo da reconstrução do Darsena são datados do período neroniano com base em um breve resumo de L. Iulius Rufus (Verduchi, 2005, p. 257). Bianchi (2007, p. 123) reiterou isso para o período 117-18d.C, sugerindo que o Darsena, e presumivelmente as estruturas adjacentes, eram de data anterior e as escavações do Projeto *Portus* do *Palazzo Imperiale* datado de 117 / 18 d.C. Assumindo que o trabalho de construção tenha começado após a conclusão das guerras Dácias em 106 d.C., isso sugere que enquanto o porto recém-ampliado teria funcionado de alguma forma por 114 d.C, ele teria ficado operacional apenas depois de 117 d.C.

¹²⁸ Desenvolvimento que teria exigido a escavação de um canal de acesso profundo através da bacia de Claudian e até o início da bacia de Trajano.

Como vimos os portos e a navegação pelo Mar Mediterrâneo e a navegação fluvial foram pontos fundamentais para o desenvolvimento das cidades e principalmente a capital do Império, pois por meio deles Roma recebia produtos e materiais que seriam utilizados nos espetáculos, bem como estimulava o comércio da cidade e principalmente dos mercados próximos do *Amphitheatrum Flavium*. Vejamos uma quantidade de materiais elencados por Jérôme Carcopino em sua obra “ A vida quotidiana em Roma no apogeu do império”, que materializam a dinâmica do comércio no Alto Império:

“[...] as telhas e os tijolos, os legumes, os frutos, e os vinhos da Itália; os trigos do Egito e da África; o azeite da Espanha, a caça, as madeiras e as lãs das Gálias; os salgados da Bética; as tâmaras dos oásis; os mármore da toscana, da Grécia e da Núbia; os pórfiros do deserto arábico; o chumbo, a prata e o cobre da Península Ibérica; o marfim dos Sirtas e dos Mauritianos; o ouro da Dalmácia e da Dácia; o estanho das Cassitérides e o âmbar do Báltico; os papiros do vale do Nilo; os vidros da Fenícia e da Síria; os tecidos do Oriente; o incenso da Arábia; as especiarias, os corais e as gemas da Índia; as sedas do Oriente.[...]”(DESSAU, *Gerchichte des rom. Kaiserzeit*, Berlim, 1930, II, p. 411 apud CARCOPINO,1959, p.219).

O coração da Roma antiga foi considerado o ponto de encontro mais conhecido do mundo, em toda a história. (GRANT, p.11,1970). Esta afirmativa do estudioso classista Michel Grant aponta todo o poder e força da capital do Império frente as demais cidades romanas.

O centro nevrálgico de toda a vida da capital era o Fórum Romano. Ali se desenvolviam diversos tipos de atividades desde assuntos de estado até atividades comerciais. No entanto, com o crescimento do Império as antigas tendas que ocupavam o fórum foram cedendo lugar a templos e edifícios públicos. Desta forma, aquele ambiente foi ganhando monumentalidade, o que pode ser visto ainda hoje nas imponentes ruínas do Fórum Romano.

Nos primeiros anos do século II d.C., as praças centrais do mercado de Trajano, a Roma dos Antoninos, foram o principal centro comercial da Roma imperial

(CARCOPINO, p.220, 1959). No entanto, grande parte dos estabelecimentos localizados no mercado Trajano não eram lojas e sim escritórios onde se estabeleceram os grandes negociantes da época. Mesmo assim, o mercado ainda mantinha lojas ligadas aos *horrea*¹²⁹ onde se armazenavam produtos que iam desde azeite, peixe, vinho, trigo. Até produtos como dentes de elefantes trazidos dos caçadores africanos, que eram trabalhados pelos eborários¹³⁰ (*eborarii*), mercadores de anéis (*anularii*) e de pérolas (*margaritarii*) e ouriveres (*aurifices*). Todo este material era vendido nas lojas, feiras ou até mesmo por ambulantes que iam de *vicus*¹³¹ em *vicus*.

De acordo com Carcopino (1959), este comércio se desenvolvia no entorno do *Amphitheatrum Flavium* e tinha o objetivo de alimentar e, ao mesmo tempo, distrair a plebe, pois mensalmente acontecia no Pórtico de Minucius a distribuição de trigo. Esta medida acontecia até mesmo nos anos de dificuldade do Tesouro, porém, os Césares esforçavam-se para oferecer mais festas à plebe, chegando a ocupar mais da metade do calendário anual. Observemos uma colocação de Carcopino sobre a quantidade de festas que aconteceram durante o Alto Império.

“[...] as festas extraprograma ordenadas pelos Césares, cujo interesse era aumentado pelo imprevisto e que cresceram de importância com a prosperidade dos reinados: os triunfos que os imperadores se faziam atribuir ao Senado; o concurso que ele anunciava de improviso; principalmente os *munera* ou combates de gladiadores decretados com um pretexto de ocasião, cuja frequência acabou por igualar a dos *ludi*, e que no século II da nossa era se desenrolavam ao longo de meses inteiros[...]” (CARCOPINO, 1959, p.250).

Toda esta evolução econômica desde os tempos quando Roma era apenas uma cidade com vocação agropastoril veio, paulatinamente, se transmutando e

¹²⁹ Tipo de armazém público usado para estocar grãos, mas também azeite, vinho, outros gêneros alimentícios, roupas e mesmo mármore. (RICHARDSON, p.193, 1992)

¹³⁰ Artífices especializados em dar forma aos dentes dos elefantes. (CARCOPINO, p.222, 1959)

¹³¹ Unidade territorial que possuía dimensões menores que um *pagus* (cantão, distrito ou província). (FORTES, p.361, 2009)

tornando a cidade “centro do mundo”. Este caminho foi permeado de intenções políticas por parte de seus governantes e, ao mesmo tempo, um local onde o espetáculo fez parte do inconsciente coletivo. Desta forma, esta estrutura foi utilizada para entreter, mas, acima de tudo, teve grande parcela de contribuição no desenvolvimento da capital do Império e na construção do *ethos* romano.

Esta cidade centro do mundo, durante o alto Império, foi sendo construída por migrantes de cidades vizinhas ou até mesmo por imigrantes, que vinham à Roma fosse para realizar transações comerciais ou até mesmo por homens e mulheres que chegavam como prisioneiro de guerra e tornavam-se escravos nesta cidade complexa e impar para aquela sociedade. Vamos nos ater, a fim de entender que eram esses prisioneiros de guerra.

Com a expansão territorial devido a anexação de terras conquistadas por meio das guerras, o Império torna-se cada vez mais poderoso e os pequenos camponeses, que utilizavam estas terras para sua subsistência, veem Roma como uma forma de sobrevivência. Este processo de empobrecimento dos pequenos camponeses e a expansão do número de escravos leva Roma a uma situação de superpopulação, contribuindo para uma onda de fome, epidemia e violência urbana.

Dentro deste quadro urbano caótico ganha força na capital do Império os espetáculos. O marco dessa política foi a construção do *Amphitheatrum Flavium*, entregue a população de Roma em 80 d.C. Ao abordamos o maior local de espetáculos de gladiadores de todo o Império romano, devemos levar em consideração que inicialmente não deveríamos nos apropriar do termo gladiadores, pois no início os mesmos teriam sido somente prisioneiros de guerra, que eram escalados para lutar nas arenas utilizando-se apenas das armas e das proteções com as quais foram feitos cativos durante os combates (profundamente distintos uns dos outros tendo, em vista os locais de origem destes combatentes). Contudo, buscando dar equilíbrio entre as parselhas de lutadores, procurou-se ajustar, a fim de tornar o espetáculo mais agradável para o público.

A princípio, o quantitativo de prisioneiros samnitas foi muito expressivo devido ao período das três guerras no *Samnium* (343-290 a.C.). Fruto deste conflito o primeiro tipo de gladiador foi o samnita (*samnis*).

Da mesma forma, as campanhas na Gália (século II a.C.) e na Trácia (80 a.C.) transferiram para Roma um efetivo considerável de tropas gaulesas e trácias, que desempenharam um papel importante como gladiadores nas arenas romanas. Dessas tropas capturadas como prisioneiras de guerra surgiram gladiadores denominados *gallus* e *thraex*. Cabe ressaltar, que a distinção entre esses gladiadores não estava circunscrita apenas ao seu armamento ou local de nascimento. A principal característica era a forma de combater, tal particularidade está muito atrelada aos diferentes tipos de armamento utilizados por estes guerreiros. Esta diferenciação entre as formas de combater tornaram os espetáculos mais atraentes à assistência.

Devido aos embates iniciais na *Britannia* (55-54 a.C.), conjecturou-se que a estratégia seria replicada, trazendo para as arenas prisioneiros britânicos com suas carruagens de combate. O guerreiro recém incorporado às arenas recebia a alcunha do armamento com o qual o mesmo combatia, o *essedum* (carruagem da guerra). Este tipo de gladiador passou a ser denominado *essedarius*. Apesar do nosso recote temporal se limitar ao primeiro e segundo séculos do Alto Império, uma contextualização rápida dos primeiros gladiadores se faz necessária, a fim de entendermos o quão complexo era a sociedade romana.

A expansão territorial romana, ainda no final da república, como foi supracitado, foi fundamental para promover transformações sociais em Roma. Logo, numa rápida observação, podemos notar que a economia que tinha uma vocação agropastoril voltada para produtos mediterrâneos como cereais, azeitonas, frutos, vinho, além da criação de gado, passou a disputar espaço com um sistema comercial articulado.

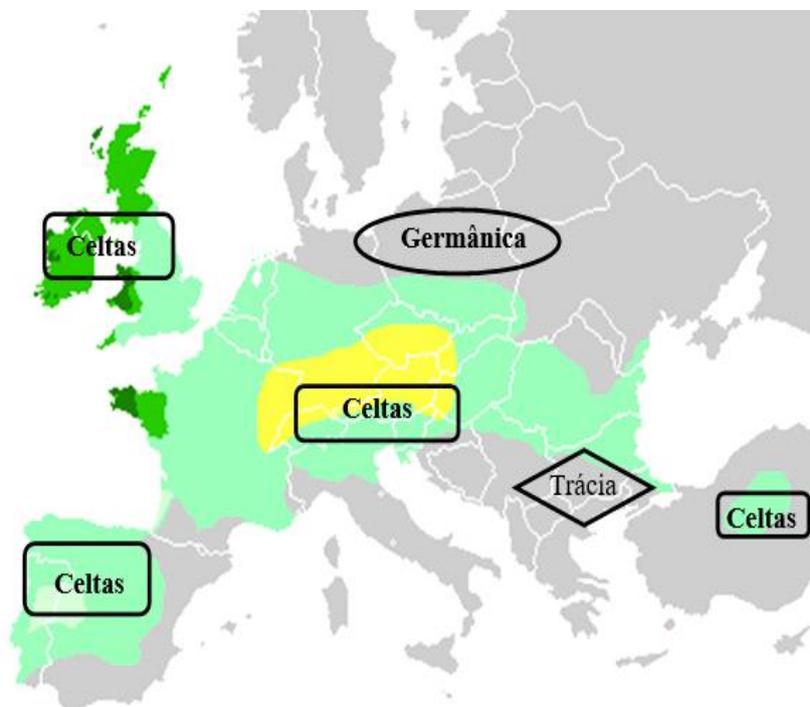
Resultado dessa expansão comercial foi o aumento do número de escravos, prisioneiros de guerra, como nos apresenta o historiador Yvon Thébert na obra “O homem romano”.

[...] dois processos complementares de exploração, amplamente baseados no trabalho dos escravos, modificam radicalmente a situação dos campos de cerca de dois terços da península, marginalizando ou fazendo desaparecer os pequenos proprietários e substituindo uma economia ainda muito orientada para a autossuficiência por uma intensa comercialização de produtos. Esta revolução produtiva recai também sobre o artesanato, onde ainda subsistem pequenas oficinas tradicionais [...] Por conseguinte, o escravo encontra-se no centro de uma profunda mudança econômica. Nas manufaturas, a nova organização do trabalho converte-o numa simples engrenagem de um processo produtivo que lhe escapa completamente. [...] (THÉBERT,1992, p.126).

Sendo assim, essa massa humana de homens livres e escravos vindos dos mais diferentes lugares passa a ter um papel fundamental na economia romana e ao mesmo tempo, fazer parte dos espetáculos de gladiadores, como já foi supracitado e nos descreve Thomas Wiedemann em sua obra *Emperors and Gladiators*.

[...] Os companheiros de Espartaco incluíam homens de origem celta, germânica e trácia; como em qualquer família com um grande número de escravos (na antiguidade ou mais tarde), havia uma mistura étnica intencional entre os formandos no Ludus de Batiatus, a fim de minimizar o perigo de que pudessem desenvolver qualquer sentimento de coesão social entre si que pudesse libertá-los do relacionamento social formal do escravo, sua absoluta dependência de seu mestre. [...] (WIEDEMANN,1995, p.113)

Wiedemann (1995), quando fala dos companheiros de Espartaco, chama a atenção para a mistura étnica. Esta distribuição espacial do efetivo de homens espalhados por toda a Europa e que foram trazidos para atuarem nos espetáculos nas arenas fica bem evidenciada no mapa a seguir.



Mapa 4 - Localização geográfica das principais origens de gladiadores do Império Romano
<http://learnlearn.net/Europa2/Histb.htm> acessado 21/09/2016

Quando Wiedemann nos apresenta a revolta, de 71 a.C., liderada por Espartaco vemos que a população de escravos que habitava o *Ludus* de Batiatus era composta pelas mais diversas etnias e procedências, como observamos no Mapa 4. Da mesma forma, a plebe que habitava a capital do Império também possuía múltiplas procedências. Esta diversidade humana, que formou a matiz romana foi responsável pela formação da cidade centro do mundo, durante o Alto Império.

Em síntese, podemos concluir que a Roma foi grande influenciadora daquela sociedade durante o Alto Império, caracterizando-se como uma cidade, que atraiu homens e mulheres do mundo inteiro, seja por meio do comércio, das caravanas, dos espetáculos ou até mesmo como escravos ou prisioneiros de guerra. Contudo isto só foi possível devido à importância e a peculiaridade de uma cidade à frente do seu tempo, que modificou a geografia do leito de seus rios e incentivou a construção de estradas, a fim de facilitar o comércio e as ligações entre as demais cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLDUS-HUYZENVELD, A. and PAROLI, L. Alcune considera-zioni sullo sviluppo storico dell'ansa del Tevere presso Ostiae sul porto-canale. *Archeologia Laziale* 12, 1995.

BIANCHI, E. I bolli laterizi del porto fluviale romano di Lungotevere Testaccio. *Bullettino della Commissione Archeo-logica Comunale di Roma* 108, 2007.

CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana em Roma no apogeu do Império*. Lisboa: Editora Livros do Brasil, 1938.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Existiu uma “Economia Romana”? *PHOÏNIX*, Rio de Janeiro, 17 – 1: 15 – 36, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de. A sociedade Romana no Alto Império. In: MENDES, N. M.; SILVA, G. V. (org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad X; Vitória: Edufes, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª edição, 1996.

CHAPOT, V. *El mundo romano*. Tradução de Luis Pericot e Rafael Ballester. México: Uteha, 1957.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

COARELLI, F. “L’armamento e le classi dei gladiatori” in A. La REGINA (Ed.), *Sangue e Arena*, Roma, 2001.

FINLEY, M.I. *História Antiga- Testemunhos e Modelos*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FORTES, Mário L. S. *A xestión da auga na paisaxe romana do occidente peninsular*, Universidade de Compostela, 2009.

FUNARI, P.P. _____. *A cidadania entre os romanos*, in: *História da Cidadania* (Pinsky, J. e Pinsky, C. – orgs.), Editora Contexto, S.P., 2003.

_____. *A vida cotidiana na Roma antiga*. São Paulo, Editora Annablume, 2003.

ISSN 1982-8713

FUNARI, P.P.A.; GARRAFFONI, R. S. *Economia romana no início do Principado*. In: MENDES, N. M.; SILVA, G. V. (org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad X; Vitória: Edufes, 2006.

GARRAFFONI, R. S. *Grécia e Roma*. São Paulo Editora: Contexto, 2011.

_____. *Bandidos e Salteadores na Roma Antiga*. São Paulo, Editora Annablume /FAPESP, 2002.

GIARDINA, Andrea (org.). *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1992.

GRANT, Michael. *O mundo de Roma*. São Paulo: Editora Arcádia, 1967.

GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 1984.

MAISCHBERGER, M. Marmor in Rom. Anlieferung, Lager- undWerkplatz in der Kaiserzeit (Palilia1). Wiesbaden, LudwigReichart Verlag, 1997.

MEIGGS, R. *Roman Ostia*. Oxford, Clarendon Press, 1973.

NICOLET, Claude. O cidadão e o político. In: GIARDINA, Andrea (org.). *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1992.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba. Editorial de Ciências Sociais, 1991.

PARATORE, Ettore. *A História da Literatura Latina*. Firenze: Sansoni Editore, 1983.

RICHARDSON JR., L. *A new topographical dictionary of Ancient Rome*, Baltimore, London, John Hopkins University Press, 1992.

THÉBERT, Y. O Escravo. In GIARDINA, A. *O Homem Romano*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Estampa, 1992. Cap 5, p. 117-145.

VERDUCCHI, P. Some thoughts on the infrastructure of the portof Imperial Rome, 2005.

VEYNE , Paul. *Le pain et le cirque*. France: Éditions du Seuil, 2005.

_____. *Como se escreve a História Foucault Revoluciona a História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

_____. *Pão e Circo*. Trad. Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WIEDEMANN, T. *Emperors and Gladiators*. London: Routledge, 1995.

WOYTEK, B. Die Reichsprägung des Kaisers Traianus (98–117) (Moneta Imperii Romani14). Vienna, Österreichische Akademie der Wissenschaften, 2010.